

CIDADES MÉDIAS E CIDADES DE PORTE-MÉDIO: INDICATIVOS PARA A DELIMITAÇÃO DE UM CONCEITO A PARTIR DA ANÁLISE COMPARATIVA DE SITUAÇÕES GEOGRÁFICAS E DINÂMICAS POPULACIONAIS¹

Júlio César Zandonadi

julio_zandonadi@hotmail.com

Instituto de Geociências – Unicamp

Palavras-chave: cidades médias, cidades de porte-médio, situação geográfica, dinâmicas populacionais, aglomerações urbanas.

Este trabalho tem como principal objetivo apresentar indicativos que contribuam para a diferenciação dos conceitos de cidade média e cidades de porte-médio, destacando características que distinguem tais espaços urbanos, principalmente a situação geográfica e as dinâmicas populacionais.

Tal distinção faz-se necessária, primeiramente pelo aumento do número de cidades de porte médio, indicando

que, atualmente, tais espaços passam por dinâmicas populacionais intensas e que parte considerável da população brasileira se concentra em tais centros urbanos. Outro ponto que faz necessária a diferenciação, classificação e análise destas cidades, é o fato de que, nas últimas décadas, algumas das cidades de porte-médio vêm assumindo papel relevante no âmbito da rede urbana, tanto na escala regional, nacional e até mesmo global.

Vemos que diversos autores se esforçam na distinção entre cidades médias e cidades de porte-médio, entre estes temos Sposito (2004), que aponta que as cidades de porte-médio são definidas por características que lhe são intrínsecas, como o tamanho demográfico; e Andrade e Serra(2001) que as definem como aquelas com aporte populacional entre 50 mil e 500 mil habitantes, proposta adotada pelo IBGE para o caso brasileiro.

Segundo Sposito (2004), a cidade média é:

(...) aquela que desempenha papéis de intermediação na rede urbana, sem compreender ao mesmo tempo suas características (o que não se restringe ao tamanho demográfico e deve incluir a estruturação interna de seus espaços), como suas relações com outras cidades (o que impõe o reconhecimento de seus papéis na estruturação urbana da rede) (SPOSITO, 2004, p.331).

¹ Este trabalho é um dos temas no âmbito da pesquisa de doutoramento "Urbanização dispersa, o surgimento de novos espaços de consumo em cidades médias e cidades de porte-médio: Uma análise comparativa de Taboão da Serra, São Carlos e Marília – SP", vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, com a orientação da Prof^a. Dr^a. Regina Bega dos Santos.

Desta maneira, as cidades médias seriam as cidades de porte-médio que desempenham papéis intermediários e/ou regionais no bojo da rede urbana.

Seguindo estes primeiros indícios para a classificação de cidades médias, vê-se que é imprescindível considerarmos dois aspectos destacados por Sposito (2004), a posição da cidade no âmbito da rede urbana, ou seja, o nível de centralidade interurbana diante do quadro de hierarquia urbana. Ea situação geográfica, conceito chave, condição para a definição do potencial da cidade, em exercer um papel intermediário nas relações entre as cidades de uma rede urbana, isto é, sua posição na hierarquia urbana.

Diante de tal quadro, propomos a análise de algumas cidades de porte-médio do Estado de São Paulo, promovendo indicativos para a diferenciação destas e as cidades médias, tendo como base do estudo as definições prévias de Sposito (2004).

No Estado de São Paulo, de acordo com o Censo IBGE de 2010, temos 108 cidades que podem ser classificadas como cidades de porte-médio, levando em consideração a definição de Andrade e Serra (2001), por terem entre 50 mil a 500 mil habitantes. Porém, como vimos anteriormente, nem todas essas cidades podem ser classificadas como médias por não desempenharem papéis relevantes na rede urbana do

Estado. Um dos critérios para distinguirmos tais espaços urbanos é a situação geográfica. Para isso, utilizamos a classificação das formas espaciais do Estado de São Paulo, realizada pelo IPEA/UNICAMP (1999), na qual classifica as formas espaciais em três tipos: as aglomerações urbanas metropolitanas, as aglomerações urbanas não-metropolitanas e os centros urbanos.

Em tese, dependendo da situação geográfica, se as cidades de porte-médio situam-se em aglomerações urbanas metropolitanas, aglomerações urbanas não-metropolitanas ou centros urbanos, suas relações com as cidades ao redor serão diferentes, bem como os papéis desempenhados na rede de cidades.

Nas aglomerações urbanas metropolitanas, as cidades de porte-médio priorizam relações de dependência com os outros centros de maior porte, tendo como função principal nesta rede de cidades de cidade-dormitório.

Em aglomerações urbanas não-metropolitanas, os centros urbanos de porte-médio mantêm relações de complementaridade, concorrência e dependência com cidades de menor porte e de porte semelhante.

Nos centros urbanos, tais cidades têm relação central com as outras cidades de sua rede regional, em maioria de menor porte, sendo o nó industrial, comercial e de serviços,

tendo papel relevante tanto na prestação de serviços, como de local de trabalho e administrativo da rede.

Essas distintas relações com as cidades de seus arredores indicam o papel da cidade na rede, o que refletirá em dinâmicas diferentes nas cidades de porte-médio e nas cidades médias, sendo que nas médias as relações se dão com maior complexidade, produzindo espaços intra-urbanos igualmente complexos. Nas com papéis menos relevantes a complexidade das funções, relações e o espaço intra-urbano é proporcional.

A partir de tais indícios, analisamos três cidades de porte-médio, situadas em distintas formas espaciais: em aglomeração urbana metropolitana, em aglomeração urbana não-metropolitana e um centro urbano. Utilizando a técnica de determinação de classes por pares recíprocos, foram definidas para a análise a cidade de Taboão da Serra, situada na Aglomeração Urbana Metropolitana de São Paulo, São Carlos, situada na Aglomeração Urbana Não-Metropolitana de Araraquara-São Carlos, e Marília, classificada como centro urbano.

Analisando a evolução populacional destas cidades, a partir dos dados dos censos populacionais de 1970 a 2010, notam-se diferenças entre a dinâmica populacional de Taboão da Serra, as cidades de São Carlos e Marília.

Taboão da Serra teve nas últimas quatro décadas uma evolução populacional mais acentuada que a verificada na cidade de São Paulo, na Aglomeração Urbana Metropolitana de São Paulo e o Estado de São Paulo, com evolução populacional entre 1970-1980 de 0,091, enquanto São Paulo 0,036, a Aglomeração 0,043 e o Estado de São Paulo 0,045. Entre 1980-1991 Taboão da Serra tem evolução populacional de 0,035, São Paulo 0,002, a Aglomeração 0,012 e o Estado 0,026. No período entre 1991-2000, os índices populacionais de Taboão da Serra evoluem 0,037, quanto São Paulo 0,015, a Aglomeração 0,025 e o Estado 0,019. E, por fim, entre 2000-2010, Taboão da Serra tem evolução populacional de 0,022, São Paulo 0,013, a Aglomeração 0,013 e o Estado 0,014. Tendo como grandes determinantes para isto o papel que a cidade de Taboão da Serra desempenha na rede de cidades desta aglomeração urbana, e em consequência disto o que Reisanalisou como urbanização dispersa. No caso de Taboão, um dos ramos dessa dispersão, que é a residencial.

Em relação a cidade de São Carlos, entre o período de 1970-1980 a cidade tem evolução populacional de 0,038, quanto Araraquara, cidade que aglomera com São Carlos, tem 0,035, a Aglomeração Urbana não-Metropolitana Araraquara/São Carlos 0,039 e o Estado de São Paulo 0,045. Entre 1980-1991, a população de São Carlos evolui 0,019,

Araraquara 0,017, a Aglomeração 0,020 e o Estado 0,026. Entre 1991-2000, São Carlos evolui 0,034, Araraquara 0,022, a Aglomeração 0,033 e o Estado 0,019. E, por fim, entre 2000-2010 São Carlos evolui 0,015, Araraquara 0,016, a Aglomeração 0,016 e o Estado 0,014. Nota-se que entre 1970 a 2000 São Carlos tem evolução populacional em patamares próximos ao da Aglomeração, enquanto Araraquara em patamares inferiores, levando-nos a constatar que o crescimento populacional de São Carlos, foi a principal influência para o crescimento da Aglomeração. Contudo, nota-se também entre 1970 e 1991 que São Carlos e a Aglomeração têm pouca participação na evolução populacional do Estado de São Paulo, com crescimento em patamares inferiores neste período. Quadro que se altera entre 1991 a 2000, com a aglomeração e as principais cidades desta, crescendo em patamares superiores ao Estado, indicando um período de grande evolução populacional destes centros. Tendo entre 2000 e 2010, tanto São Carlos, como Araraquara, crescimento nos mesmos patamares da Aglomeração e do Estado de São Paulo.

No caso de Marília, vê-se que entre 1970-1980 a população da cidade evolui 0,034, quanto o Estado de São Paulo 0,045. Entre 1980-1991, Marília evolui 0,010, enquanto o Estado 0,026. Entre 1991-2000, a população de Marília cresce

0,027 e o Estado 0,019. E entre 2000-2010, Marília tem um crescimento de 0,009 e o Estado de São Paulo 0,014. Nota-se que entre 1970 a 1991 a cidade tem um crescimento bem abaixo do Estado de São Paulo, assim como entre 2000 e 2010, somente entre 1991 e 2000 se observa um crescimento mais acentuado e superior ao Estado.

A partir destes dados, constata-se que as cidades mantêm dinâmicas populacionais distintas, e isto se deve principalmente a suas distintas situações geográficas. A localização de Taboão da Serra na aglomeração urbana metropolitana de São Paulo, é um dos determinantes para a evolução populacional da cidade em patamares superiores à cidade de São Paulo, a aglomeração e ao Estado de São Paulo, tendo papel relevante na rede urbana regional como cidade-dormitório, diferentemente das cidades de São Carlos e Marília, as quais têm dinâmicas populacionais próximas, com períodos de maior e outros de menor crescimento, acompanhando, na maioria dos períodos, a dinâmica do Estado de São Paulo.

Deste modo, conclui-se que o contingente populacional, bem como o crescimento da população dando-se em patamares superiores a outros centros, não é determinante para a cidade assumir um papel relevante na rede urbana, pois mesmo Taboão da Serra tendo crescimento

populacional em patamares superiores à aglomeração em que esta inserida, a cidade de São Paulo e ao Estado de São Paulo, mantém um papel pouco relevante no âmbito da rede urbana do Estado de São Paulo, tendo como papel principal o de cidade-dormitório, com ampla dependência da cidade de São Paulo. Diferentemente, a cidade de São Carlos e Marília, com dinâmicas de crescimento populacional mais modesta que Taboão da Serra, tem nos últimos anos aumentando a relevância e seus papéis na rede de cidades do Estado de São Paulo.

Outro ponto a ser destacado é a diferença das dinâmicas populacionais, entre as cidades do mesmo porte que situam em formas espaciais distintas, vendo que a cidade situada na Aglomeração Metropolitana de São Paulo (Taboão da Serra) tem um crescimento mais acentuado que a cidade principal da Aglomeração (São Paulo), que a Aglomeração e que o Estado de São Paulo, do período entre 1970 e 2010, enquanto as cidades situadas em Aglomerações Urbanas Não-Metropolitanas (São Carlos) e num Centro-Urbano (Marília) tem crescimento mais modesto em relação a Taboão da Serra e também mais próximos aos patamares de crescimento do Estado de São Paulo. Podendo este também ser um indício de diferentes papéis destas cidades no bojo da rede urbana, deste

modo da diferenciação entre cidades de porte-médio e cidades médias.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Thompson; SERRA, Rodrigo Valente. Análise do desempenho produtivo dos centros urbanos brasileiros no período 1975/2000. In: ANDRADE, Thompson; SERRA, Rodrigo Valente. **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. P. 79-127.

SPOSITO, M. E. **B.O chão em pedaços**: Urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. UNESP: Presidente Prudente, 2004.

BRAGA, R. Cidades Médias e Aglomerações Urbanas no Estado de São Paulo: Novas Estratégias de Gestão Territorial. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina. **Anais...** São Paulo, AGB, pp.2241-2254, 2005.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

REIS, N. G. **Notas sobre a urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.